

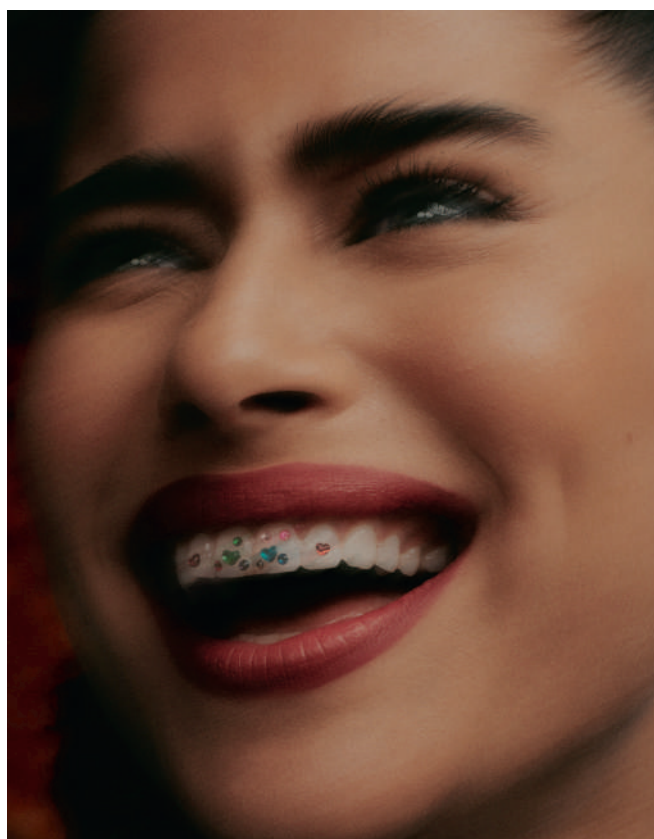
Das memórias em João Pessoa, na Paraíba, Isadora Cruz carrega apreço pela arte em todas as expressões que movem sua jornada. A protagonista de "Mar do Sertão" conecta sua força com a da personagem Candoca através do orgulho pelas raízes, da busca por propósito e, principalmente, do amor

Por **Nívia Passos**

Fotos **Gui Paganini**

Styling **Gio Grassi**

S A D O R A



C R U Z





Isadora usa top, saia, brincos, pulseiras e sapatos, tudo Dior



Jaqueta, calça e brinco, tudo Dior. Na página ao lado, casaco, brinco e sapatos, tudo Dior

Para quem ainda não a conhece, Isadora Cruz se descreveria assim: "eu tenho alma de artista". Não é preciso muito tempo de conversa para entender o porquê. Natural de João Pessoa, na Paraíba, filha do meio entre dois irmãos, a atriz de 24 anos não esconde que é tão apegada à família e às suas raízes quanto a todas as expressões de arte, como até a própria emoção na voz ao falar sobre o assunto entrega.

Dos 5 aos 9 anos, estudou balé nos Estados Unidos; já na faculdade, interrompeu o curso de administração, pasmê, a conselho do pai. "Ele me perguntou por que não estudava cinema e teatro em São Paulo", relembra. Ela foi, e, depois disso, entendeu que era ali que estava seu destino. Tudo certo e na hora certa, como acredita. "Acho que a vida vai encaixando as peças do quebra-cabeça", reflete à *Glamour* sobre o caminho que a levaria do Nordeste a Hollywood, com escalas em Miami e Paris.

O itinerário internacional não a fez perder contato com as lembranças regionais. "Em João Pessoa, tinha um oásis chamado Zarinha, um centro de cultura que mudou minha vida e fez com que eu me apaixonasse pela literatura nacional, por exemplo. Para mim, o que tenho de mais precioso é a minha brasilidade", analisa. É com o retorno ao país que revela nova faceta da expressão artística: dar vida a Candoca, personagem principal da novela "Mar do Sertão", que estreou com pico de audiência na faixa das 18 horas da Rede Globo.

Além dos primeiros sucessos, a felicidade pulsa ainda mais forte pela sintonia estabelecida entre ser e interpretar uma nordestina. Aquariana, se revela, acima de tudo, movida pelo amor. Não só o romântico, mas também pela verve criativa, pela natureza, por sua identidade e pela vontade de fazer o bem. "Acho que esse é o maior propósito da minha vida", entrega.

**Quando soube que queria ser artista?
Como trilhou esse caminho?**

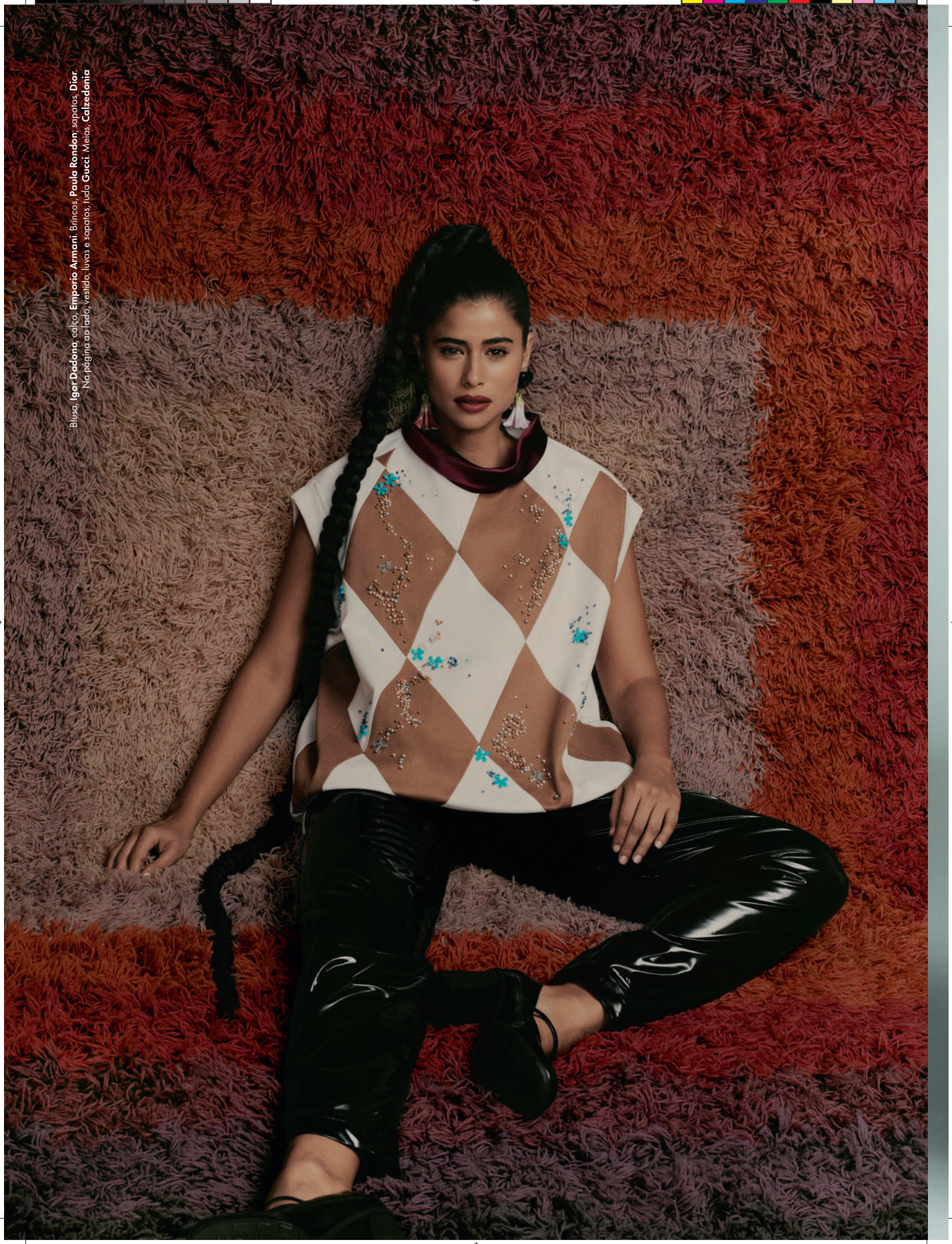
Antes de voltar ao Brasil, morou e atuou nos Estados Unidos. Qual foi sua maior dificuldade enquanto atriz brasileira no exterior?

Eu comecei a dançar quando tinha 5 anos, mas o teatro era uma coisa distante da minha realidade em João Pessoa. Eu sempre fui muito apaixonada por filmes, mas nunca pensei que isso poderia acontecer na minha vida até fazer o curso de cinema e teatro, por ideia do meu pai. Foi um intensivo de férias de um mês. Eu me apaixonei, me encontrei de verdade, e resolvi dar sequência com um intercâmbio na França, onde morei por um ano.

Encaixar-me no jeito direto e mais frio das pessoas. Lá, me formei em teatro e psicologia e atuei em dois filmes. O choque foi maior quando me mudei para Los Angeles porque, antes disso, quando vivi em Miami, ainda estava em contato com muitos latinos e brasileiros. Ao mesmo tempo que isso é uma dificuldade, também é uma força, porque trazemos uma energia calorosa que é nova para eles. Foi por isso que continuei a morar lá, porque senti que o mercado está se abrindo para nacionalidades diferentes e para essa pluralidade de sotaques e misturas. Acho também que isso é um reflexo do público: se o nosso mundo é muito plural e diverso, por que a arte não pode refletir isso de maneira realista? →



Blusa, Igor Daddona; calça, Emporio Armani. Brincos, Paula Rondon; sapatos, Dior.
Na página ao lado, vestido, luvas e sapatos, tudo Gucci. Meias, Calzedonia



“Estou
aprendendo

como é
potente

ser uma
mulher”

Que memórias carrega dessa fase?

Tenho muitos amigos por lá, mas de quem eu mais sinto falta, além do meu namorado [Elik Yagubov], é de Barbara Stelle, de quem aluguei uma casa. Ela é britânica, ícone do cinema italiano de terror, foi descoberta por Federico Fellini e Mario Braza, era muito próxima de Sharon Tate. Viramos melhores amigas. Ela me contava as histórias de uma Hollywood antiga, porque o marido circulava com nomes como Tennessee Williams, por exemplo. Foi surreal para mim, uma experiência cinematográfica.

Na volta ao Brasil para a novela "Mar do Sertão", o que vê de você na personagem Candoca?

Começamos as gravações no Vale do Catimbau, em Pernambuco, e Piranhas, em Alagoas. A energia da natureza inspirou muito o nascimento dos personagens e foi muito importante para o nosso entrosamento. O que vejo de mais parecido com Candoca é o amor pelas pessoas e pela natureza. Ela se doa a essa relação humana, e eu acredito que temos que basear a nossa vida nisso. Acho que o nosso propósito na vida é entender o que amamos, o que nos faz ter vontade de estar vivo, de partilhar e de sorrir. Ao mesmo tempo, Candoca é mais corajosa que eu. Estou resgatando dela uma força que eu não sabia que tinha dentro de mim, aprendendo como é potente ser uma mulher. Ela me empodera. Cresci em uma sociedade onde aprendi a ser sempre agradável, sorrir e tratar todo mundo bem a ponto de não ter coragem de emitir um pensamento que fosse destoante dos homens presentes.

Já sentiu tal bloqueio por conta de preconceito?

Como mulher nordestina, sempre ouvi que as pessoas não tinham muito interesse em contar as nossas histórias. Não acho isso justo. Temos tantos artistas que merecem ser vistos, tantas histórias lindas para ser contadas nas nossas vozes, com a nossa alma. Quando comecei, não tinha esse espelho. O Brasil é plural, e não dar valor a essa qualidade é não enxergar a realidade.

Como vê as respostas nas redes sociais a partir da nova projeção? Tem cuidados ao usá-las?

Eu sou muito grata às mensagens positivas que leio, está sendo um gás para mim. Ao mesmo tempo, tem que ter muito cuidado; as redes sociais são um culto ao irreal, e isso acaba nos afastando do que realmente importa na vida. Ainda tento entender como realmente tocar as pessoas. Quero passar a mensagem sobre ser mais natural, de não ter o culto ao dinheiro ou à superficialidade, valorizar os animais e a natureza. Nossa geração é a última que tem a chance de fazer uma mudança para vivermos em um planeta saudável.

E o que projeta ao próprio futuro profissional?

Além de todas as personagens que quero fazer, estou escrevendo dois roteiros e quero dirigir um dia. Também sou apaixonada por fotografia e faço muitas imagens como hobby. Tenho o desejo de contar muitas histórias que levo no meu coração. 📸



Vestido, brincos, colar e anel, tudo **Dior**. Na página anterior, jaqueta, top, saia, brincos e sapatos, tudo **Prada**

Editora de arte: Victoria Polak.
Beleza: Branca Moura. Set designer: Roberth Augusto.
Coordenação executiva: Octavio Duarte (ODMGT).
Produção executiva: Leonardo Olavo, Beatriz Dallolio e Patrick Ferreira. Assistentes de fotografia: Fernando Bentes e Caio Toledo. Produção de moda: Ana Cecília Zanotti e Carol Magalhães. Assistente de beleza: Giu Rodrigues. Manicure: Sônia Lima. Camareira: Aninha Polizel. Tratamento de imagem: Bruno Rezende

